

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS:— Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Annuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	40
Reclamos	100
Artigos	200

LISBOA
Quinta feira 30 de abril de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros	600
Numero avulso	50
Paizes da união postal, 24 numeros	15000

RESUMO

Concurso internacional de tiro: Lisboa, 1897.—A fortificação improvisada e o tiro moderno, por Miguel Garcia.—O tiro de pé.—Carreira de tiro.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.—Breve noticia historica acerca das armas de fogo portateis, por Nêmo.—Bibliographia.—Legislação sobre o tiro: Regulamento provisório da Carreira de tiro da Escola do Exército.—O elephante.

CONCURSO INTERNACIONAL DE TIRO

LISBOA — 1897

A Comissão executiva do Concurso internacional de tiro, que deve realisar-se em Lisboa em 1897, por occasião das festas destinadas a celebrar a partida de Vasco da Gama para a India, ficou composta dos seguintes delegados:

Da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, (secção militar) os srs.: tenente coronel Antonio Julio de Sousa Machado, major J. Fernandes Costa, capitão Alberto Vergueiro;

Da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, os srs.: Raul Mesnier de Ponsard, João Consiglieri Pedroso, Manuel José de Magalhães;

Da *Associação dos Atiradores Civis Estrella*, os srs.: Dr. A. M. da Cunha Belem, Eduardo Noronha, João José Diniz;

Do *Grupo de Atiradores Civis Lisboense*, os srs.: José Victorino de Andrade Neves, Manoel Pagani, Gonçalo Julio Figueira;

Da redacção do *Tiro Civil*, o sr. Anselmo de Sousa;

Da *Comissão central executiva do 4.º centenario da India*, delegado, o sr. Palermo de Faria.

O *Grupo Patria*, o *Grupo Suisso* e as Associações portuezes de tiro civil não nomearam delegados, por emquanto, e por isso não foram nomeadas para a comissão do concurso.

Amanhã 1 de maio deve ser installada a comissão, reunindo na sala da India da Sociedade de Geographia de Lisboa, começando em seguida os seus trabalhos.

A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA

E O TIRO MODERNO

(Continuado do n.º 60)

I

Arma de infantaria, entre nós, passou por um periodo desgraçado de abandono, que contristava quem conhecia e comprehendia o valor e influencia que ella devia ter na guerra pela perfeição do seu armamento e como consequencia pela esmerada perfeição no tiro, já a coberto das prégas e ondulações do terreno, já sobre as suas trincheiras de batalha.

Esse periodo vae, felizmente, declinando pela criação e desenvolvimento do estabelecimento mais importante que n'estes ultimos annos tem sido creado em Portugal—a *Escola pratica de infantaria*, e que, por assim dizer, livrou esta arma da tutela da *Escola de engenharia em Tancos*.

Por isso é forçoso radicar no nosso espirito a inabalavel convicção da vantagem d'essa escola, que todos devem sustentar, honrar e ennobrecer, porque ali se vê um elemento de iniciativa e incentivo pelo qual se desenvolverão todos os principios do progresso da moderna arte da guerra.

Aproveitamos por isso a occasião para darmos os nossos applausos cordeaes a essa pleiade de officiaes distinctissimos, que ali dirigem os trabalhos, e que, n'este tempo de egoismos, sacrificam todas as suas commodidades, apenas pela gloria de mostrarem ao paiz que o exercito deve fortalecer-se pela instrucção, para, no momento do perigo, ser efficaz na defesa da Patria.

E o nobre ministro da guerra, que ali tem vinculado o seu nome pelos grandes melhoramentos que realisoou, pelo seu amor á instrucção do exercito e pela sua sabia comprehensão, d'ella fará a escola normal de educação da arma de infantaria.

Instrucção, muita instrucção nos quadros e d'ahi nas fileiras, muita perfeição moral na collectividade e a nossa infantaria, como todo o exercito, continuará a ser prestimosas, não desmerecendo das suas tradições de Aljubarrota, Montes Claros, Bussaco e Talavera.

Prepare-se convenientemente nos remansos da paz, deixando as velhas rotinas, e assim prestará o concurso da sua prestabilidade como acaba de o fazer, com as suas duas irmãs congeneres, na ultima campanha d'Africa.

Não é, porém, pelas continencias de parada, pelo serviço de guarnição e pelas escolas de companhia, sem methodo nem fim conhecido, que ella adquire a necessaria instrucção. Menos escolas de companhia, porém mais uteis, mais bem orientadas e mais proprias a convencer o soldado do que se lhe exige, sem o estafar inutilmente.

Se em Mafra se preparam os quadros, nas fileiras deverão ser estes os propagadores da instrucção que lá receberam, sendo então mister incitamento ao trabalho com programmas methodicos no ensino, generalisados a todos os regimentos, e que, acima de tudo, se possam cumprir. E' preciso, porém, fomentar o amor pelo regimento, que, hoje mais do que nunca, é uma necessidade, e para isto é essencial que a vida regimental deixe de ser monotona e quasi fastidiosa, convertendo-se cada quartel n'uma escola d'onde dimane a instrucção

que alente constantemente o seio da instituição militar.

Ora para que o exercito seja na guerra a salvaguarda do torrão patrio, forçoso se torna, sem duvida, que os seus trabalhos de organização, como de applicação militar, sejam constantes e fundados nos verdadeiros preceitos doutrinaarios, nos progressos modernos da arte da guerra.

Diz o general Rénard:—«Uma nação sabia e providente deve conservar os regulamentos do seu exercito sempre na altura dos progressos da arte da guerra, e deve ter, á imitação dos romanos, os olhos constantemente fixos nos aperfeiçoamentos estudados ou realisados pelos exercitos estrangeiros.»

De facto, o triumpho das armas exige um desenvolvimento simultaneo das energias materiaes, intellectuaes e moraes da sociedade. A arte militar marcha a par com a civilisação, unindo-se ambas em estreito abraço, sustentam-se mutuamente, completam-se como se fossem a expressão necessaria dos dois principios irreductiveis—a *idéa e a força*. E assim, no meio da febre de melhoramentos, que se espalha por todos os cantos do paiz e que em todas as classes sociaes se desenvolve, é bem que o exercito se não conserve alheio a essas aspirações do seculo.

Para não serem aniquiladas as nossas instituições militares, tem ellas de obedecer ás leis do progresso, porque, entre as outras, a classe que pára, deixando de lutar pela resistencia, morre, e o resistir é trabalhar para viver.

Para um povo ser livre não basta o educal-o á luz das idéas modernas, é preciso tambem que o seu exercito represente as forças da nação pelos constantes e progressivos melhoramentos; só assim se conservarão intactas as tradições de familia, o respeito pelas leis, a lembrança sempre recente das glorias passadas e sobretudo salvaguardados os progressos materiaes feitos durante a paz.

É, porém, indeclinavel o dever de trazer ás fileiras os contingentes annuaes e acabar desde já por uma lei energica, o crime de lesa-patria, como é o *retrahimento ao pagamento do tributo de sangue*, crime este que torna inutil e improficua a dedicação dos quadros regimementaes.

Seem soldados, não podem mesmo habilitar-se com perfeição os quadros, e o que é mais, torna-os desgostosos e aborrecidos. A propria classe civil se deve d'isso compenetrar e os homens patriotas e de accção devem por todos os meios ao seu alcance, e em todas as povoações, fazer uma propaganda sabia e effectiva, para enraizar no povo e em todas as classes da sociedade a idéa do serviço das armas.

Auxiliem-se com a propaganda sensata as leis do governo e a nobre iniciativa de s. ex.^a o actual ministro da guerra, que tanto se empenha, desde já, em terminar com o odioso abuso de que por todos os meios se servem os mancebos para fugir ao serviço militar.

A fortificação improvisada e o tiro moderno é o nosso objectivo, e longe já iamos divagando fóra do caminho encajado. Os leitores do *Tiro Civil* comprehendem, porém, a razão da nossa diversão, que não é outro senão chamar a atenção das gerações novas para a sua dedicação pela carreira das armas, instruindo-se segundo as leis marciais e dando ao paiz a mais valiosa potencia dos exercitos — o *serviço militar obrigatório*.

(Continúa.)

Miguel Garcia.

(Tenente d'infanteria)

O TIRO DE PÉ

A *Gazette des Carabiniers Suisses* no seu numero de 25 do corrente, publica com o titulo que nos serve de epigraphe o seguinte:

«Muitos artigos tem sido publicados nos ultimos numeros pronunciando-se em favor d'esta posição, (tiro de pé) não encontrei, porém, em nenhum d'esses razões convincentes para a reintrodução d'esta maneira de atirar. Effectivamente, não se podem indicar como taes os maus resultados obtidos pelos atiradores suissos no tiro federal allemão, ou em outra qualquer parte, onde não se pôde atirar senão de pé. Aquelles que frequentam estes tiros devem exercitar-se elles proprios muito tempo antes, durante algumas semanas e até alguns mezes, é esse o seu dever.

«Nós não acreditamos que um alvo para tiro de pé tivesse algum exito; apenas uma centena de atiradores queriam atirar alli e, ainda mesmo que esse numero fosse excedido, não valeria a pena realmente instituir para isso um alvo especial. Lamentamos com os outros correspondentes que o tiro de joelhos predomine mas em compensação regosiamos-nos com a extensão adquirida graças a elle pela Sociedade Suissa dos Carabineiros.

«Pôde vêr-se que certos esforços se dirigem em sentido contrario, visto que sabemos pela correspondencia d'um atirador allemão, por occasião do tiro federal suizo, que se estuda seriamente do outro lado do Rheno a introdução do tiro de joelhos.»

Do que acaba de lêr-se tiram-se facilmente duas conclusões. A primeira é que o articulista não é partidario do tiro de pé; a segunda é que, graças ao tiro de joelhos, a Sociedade Suissa dos Carabineiros se tem desenvolvido.

Como o auctor do artigo estas rasões não as achamos convincentes. O tiro é tradicional na Suissa; todo o povo helvético, comprehendeu de ha muito que a sua força era enorme quando se tratasse d'uma lucta, porque facilmente guarneceria as suas fronteiras com centenas de milhares de atiradores experimentados e habeis e, portanto, sendo por toda a parte considerado o tiro como a mais patriótica das instituições, desenvolver-se-ia do mesmo modo, quer se atirasse

de joelhos, quer se atirasse de pé. Portanto não consideramos como bom o argumento apresentado, nem nos parece que seja motivo para regosijo, porque não se deve attribuir ao tiro de joelhos o exito das sociedades de tiro.

Quanto á primeira conclusão é fatalmente o resultado do convencimento da segunda.

Nós consideramos o tiro de pé, como o tiro por excellencia, e o verdadeiro atirador, o melhor, o primeiro de todos, será aquelle que n'esta posição fizer melhores tiros e, se nos fosse permitido regulamentar alguma cousa n'este sentido, dariamos sempre os melhores premios e reservariamos todas as concessões para aquelles que se distinguissem, como atiradores, n'esta posição.

Não se infira do que deixamos escripto que somos exclusivistas. Entendemos que deve praticar-se o tiro de pé, o tiro de joelhos e o tiro deitado, e estimariamos ainda que se fizessem estudos especiaes da avaliação das distancias, em excursões dirigidas por instructores habilitados para que a gradação das alças não ficasse sempre dependente d'um chefe, que muitas vezes está afastado e não pôde prevêr os mil acasos d'uma lucta.

A nossa opinião, de ha muito inhabilavel, é que ha ainda muito que fazer com respeito a esta instrucção e, esta opinião, em que nos acompanham alguns dos mais illustres e distinctos entendedores, vem-a confirmada pelos esforços feitos na Allemanha, na França e na propria Suissa, para se conseguir o maximo grao de aproveitamento dos tiros que, parece, será o supremo argumento das futuras guerras.

Nestes assumptos o Transvaal pôde, por enquanto, dar a lei; e o boer não atira, geralmente, de pé, nem de joelhos, nem deitado; faz fogo n'uma posição especial, que lhe permite collocar a espingarda como em um cavalleto e consegue assim o maximo resultado a que até hoje se tem chegado. Que o digam os inglezes.

Mas o boer, tem em alta conta o tiro de pé e é d'esta posição que passa a fazer exercicio nas outras, pois sendo o tiro mais difficil na primeira, claro está que, a pratica do tiro de joelhos e do tiro deitado se consegue sem grande difficuldade.

Fallámos na avaliação das distancias e consideramol-a importantissima. O tiro das carreiras é feito a alvos collocados a distancias conhecidas e todos sabem quão differente é atirar a 100, 200, 300 ou 400 metros. Como conhecer á simples vista a distancia a que está um dado objecto se não houver pratica e muita pratica? Sabemos que o atirador exercitado, pelos primeiros tiros, pôde fazer rectificações, mas dos primeiros tiros depende ás vezes o resultado d'um assalto e nem sempre o inimigo dá tempo para correcções, especialmente se mais pratica tiver da avaliação das distancias.

O que fica dito são idéas geraes apenas; o assumpto é complexo e serio, não temos competencia para o discutir e limitamos-nos a pedir aos mais auctorizados que o tratem com a largueza e proficiencia que requer e que julgamos indispensavel para, com bons argumentos, se provar de que lado está a verdade e qual o meio que deve empregar-se para se chegar ao maximo da perfeição, que todos desejamos.

As columnas do *Tiro Civil* estão sempre á disposição de todos quantos queiram honral-as com os seus escriptos.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 26 do corrente, dispararam-se 970 tiros com a arma de guerra, dando o seguinte resultado:

Alvo a 100 ^m ,	50 disparados	37 acertados
» » 200 ^m ,	250 »	102 »
» » 300 ^m ,	420 »	258 »
» » 400 ^m ,	250 »	110 »
Total...	970 »	507 »

A concorrência foi menor que nos domingos passados, no entanto as duas associações e grupo do *Atheneu* estiveram representados por numero regular de socios; bom é que todos os grupos concorram regularmente á *Carreira*, a unica forma de justificar a sua existencia e pugnar pelos seus direitos, é cumprindo com os seus deveres.

Esteve na *Carreira* o nosso estimavel assignante o sr. João José Gonçalves Junior, fazendo tiros com a arma de guerra; este cavalheiro a quem já por outras occasiões nos temos referido, parte no dia 4 do proximo mez para o Rio de Janeiro, onde possui uma *Carreira de tiro* na sua magnifica propriedade de *Copa Cabana*. Agradecemos penhorados as suas despedidas e a sympathia que lhe merece *O Tiro Civil*.

N'esta secção de tiro deu-se um facto notavel, uma respeitavel e interessante dama da colonia Suissa esteve fazendo tiros a 100^m, com uma *Colt*; se as senhoras se dedicassem a esse divertimento crêmos seria um bom meio de propaganda em favor do tiro civil.

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta associação, fizeram 350 tiros:

Alvo a 200 ^m 150 disparados	73 acertados
» » 300 ^m 150 »	114 »
» » 400 ^m 50 »	23 »
Total...	210 »

Poule

A 200^m, alvo *figura de joelhos*, 10 tiros:

M. Hermmann.....	8 acertados
João Torres.....	8 »
João C. Pedroso.....	7 »
Corrêa Saraiva.....	5 »
I. Ferraz.....	4 »
João Bergaro.....	3 »

O *bolo* foi devidido pelos dois primeiros atiradores.

Distinguiram-se os srs.:

João C. Pedrozo, alvo 200 ^m , 19 em 30.
M. Hermmann, alvo a 200 ^m , 20 em 30; a 300 ^m , 10 em 10 e a 400 ^m , 10 em 10.
João Torres, alvo a 300 ^m , 8 em 10, duas <i>mouches</i> , tiro de pé.
Lucas da Silva, alvo a 300 ^m , 13 em 20, duas <i>mouches</i> , tiro de pé.
Henry Dumorá, alvo a 300 ^m , 21 em 30, uma <i>mouche</i> .
R. Rogenmozer, alvo a 300 ^m , 17 em 20.
E. Kesselringer, alvo a 300 ^m , 17 em 20.
L. A. Corrêa Saraiva, alvo a 300 ^m , 9 em 10, tiro de pé; alvo a 400 ^m , 8 em 10.

Associação dos Atiradores Civis Estrel'a

Os socios d'esta associação, fizeram 300 tiros:

Alvo a 200 ^m ,	80 disparados	22 acertados
» » 300 ^m ,	110 »	42 »
» » 400 ^m ,	110 »	38 »
Total..	300 »	102 »

Não nos é possivel dar nota exacta dos resultados obtidos pelos outros grupos; para que o possamos cumprir, basta que nos forneçam uma lista com os nomes dos socios que frequentam a *Carreira*, pedido que fazemos a todas as direcções de associações ou grupos.

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

ESTÁ já installada na sua nova séde, na travessa da Espera n.º 8, 1.º andar, esquina da rua de S. Roque, a *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*. É uma bella casa, com boas salas e muita luz; a sala d'armas é muito espaçosa e será armada com tropheos diversos, estando encarregado d'esta decoração o mestre d'armas da Associação, o sr. alferes José Pires que é especialista distincto e de gosto aprimorado.

Breve noticia historica ácerca das armas de fogo portateis

(Continuado do n.º 60)

DESDE que as armas se começaram a empregar como armamento da infantaria, se reconheceu que era necessario dotar a arma com uma haste ou lança que permittisse utilizal-a como arma branca, afim de a infantaria poder combater corpo a corpo e resistir ao embate d'uma carga de cavallaria.

Durante muitos annos o numero de armas portateis destruidas a cada companhia era muito diminuto, devido a tornar quasi inuteis para o combate corpo a corpo os soldados que apenas dispunham das espingardas, apesar de se lhe reconhecerem as vantagens que apresentavam no combate a distancia.

Em 1600 apparece a *bayoneta* que segundo parece, foi inventada em Bayonna. A fórma primitiva da *bayoneta* era a de uma haste com a forma de lança, tendo um cabo de madeira que se introduzia na bocca da espingarda, mas esta disposição inutilizava a espingarda para o fogo; comtudo foi adoptado este systema por quasi todas as nações.

Em 1630 é que apparece em França a primeira *bayoneta* que permittia fazer fogo com a espingarda de *bayoneta* armada e pela sua disposição foi classificada com o nome de *espada-bayoneta* consistindo n'uma lamina d'aço com dois gumes e um punho de madeira com o respectivo *guarda-mão*, tendo ligado a este um pequeno anel de ferro que envolvia o cano, e uma mola que entrando n'um outro anel fixado no cano, fazia a ligação a este anel e ao cano.

Em 1685 aperfeioou-se esta *bayoneta* dando á lamina uma direcção divergente do eixo da arma, evitando assim a inutilização rapida da *bayoneta* pelo fogo; para isso, affastou-se a lamina do punho por meio d'um cotovello.

Foi variadissima a fórma da lamina da *bayoneta*, sendo a mais vulgar a fórma triangular, e em 1746 passaram as faces da lamina a terem meias *cannas* afim de lhe diminuir o pezo e dar á arma melhor equilibrio. A ligação da *bayoneta* á arma soffreu tambem profundas modificações, deixando de ter a fenda recta no punho por onde entrava o *ponto de mira*, passando a ter uma fenda quebrada em dois angulos rectos, adicionando-se-lhe mais tarde um anel no extremo do punho formando uma ponte afim de dar passagem ao *ponto de mira* e por ultimo juntou-se-lhe um segundo anel que girando sobre o *alvado* do punho, permittia fixar melhor a *bayoneta* á arma, premindo-a contra a base do *ponto de mira*, impedindo assim a deslocação da *bayoneta* durante o fogo, sendo este o systema que tem sido adoptado até hoje.

Em quasi todos os modelos das antigas espingardas o systema de carregamento era pela *bocca*, sendo raros os modelos em que o carregamento se fazia pela *culatra*. Para se carregar a espingarda pela *bocca* procedia-se pela fórma seguinte; collocava-se a arma na posição vertical e introduzia-se a pólvora e sobre ella as balas; porém, reconheceu-se a conveniencia de interpôr entre a bala e a pólvora um pequeno bocado de papel que se denominou *bucha* e para a levar até assentar sobre a pólvora e sobre aquella a bala usou-se uma vara de madeira a qual foi em 1493 substituida por ferro até que, em 1700, quando se procurou aligeirar a arma, foi substituida por uma

vara de madeira com a cabeça de ferro permitindo este systema exercer sobre a bala uma maior pressão. Mas bem depressa se reconheceu a inconveniencia d'este systema por que a reunião da madeira ao ferro resistia difficilmente aos choques produzidos com o carregamento. Apesar do inconveniente que apresentava foi essa a *vareta* que se adoptou até 1763 em que appareceu a *vareta* d'aço que tem a vantagem sobre as outras de ser mais leve, solida e elastica.

Nos primeiros annos em que se adoptaram as armas de fogo portateis, era a carga medida na occasião em que se queria fazer o tiro; mas este systema era muito moroso e pouco regular por isso tornou-se necessario que as cargas passassem a ser medidas antecipadamente, sendo conduzidas pelos soldados em pequenas caixas de madeira suspensas na *bandoleira*, havendo uma caixa especial para as balas, systema que durou até 1643. Então reconheceu-se a vantagem de reunir n'um pequeno *cartucho* de papel a pólvora e a bala que foi o primeiro passo para a invenção dos *cartuchos*.

A invenção do *cartucho* de papel cabe aos hespanhoes, sendo rapidamente esphado o seu uzo por toda a Europa, completando o grande Gustavo Adolpho o progresso do aperfeioamento da infantaria com a invenção da *patrona*, que distribuiu á sua gente.

(Continúa.)

N.ºmo.

O DEFESO

CONTINUA o movimento em favor do *defeso*, graças aos esforços que para isso se estão empregando; de diferentes pontos do paiz vão-nos chegando noticias de veras satisfatorias.

A digna camara municipal de Villa Vijosa, foi a primeira do Alemtejo que ousou quebrar o proverbial abandono a que em todo o paiz, tem sido votado o respeito pelo *defeso*; honra lhes seja, deu um exemplo digno de ser seguido por todos os outros municipios; a prohibição das *armadilhas*, *ratneiras*, *laços*, *rêdes*, *alviçes*, *furões*, *perdigões*, *perdiçes de chamma*, etc., é um facto que muito a honra e a torna credora do nosso louvor e do de todos os caçadores amadores.

O sr. administrador d'aquelle concelho tem iguaes direitos aos nossos louvores pelas suas energeticas e acertadas ordens afim de que alli, o *defeso*, seja rigorosamente cumprido.

Esperamos em breve poder publicar os editaes que o digno presidente da camara municipal mandou afixar sobre tão momentoso assumpto; a este cavalleiro, os nossos agradecimentos em nome dos caçadores portuguezes.

Sabemos de boa fonte que o sr. administrador do concelho de Penacova acaba de publicar editaes ácerca do *defeso* da caça, fazendo vêr as penas em que incorrem os que o não respeitam; e sabemos mais que o mesmo magistrado está resolvido a pôr em pratica, sem contemplações de qualidade alguma, todas as medidas de que pôde lançar mão para evitar o prejudicial abuso de se caçar no tempo *defeso*.

São bem acceitas estas medidas e consta-nos que a camara vae secundar os esforços da auctoridade administrativa para se conseguir aquelle fim.

São por isto dignos do maior elogio, pois que, segundo nos dizem, pouco falta para que n'aquelle concelho esteja extincta a caça, especialmente a das perdizes, em que tanto abundava.

BIBLIOGRAPHIA

Boletim—Associação dos Atiradores Civis Estrella—Abril de 1896.

ENCETOU a sua publicação o Boletim mensal da Associação dos Atiradores Civis Estrella. O summario é o seguinte:

Expediente—O Boletim—Associações de tiro—Homenagem aos expedicionarios—O passeio de 23 de Março—Assembléas geraes—Correspondencia recebida—Extracto das sessões da direcção—Conselho fiscal—Estatistica do tiro—Assembléa geral—Admissão de socios—Estatutos da Associação—Balancete de caixa—Recetta e despeza da recita—Subscrição para a festa de fevereiro.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado e desejamos que o Boletim da Associação dos Atiradores Civis Estrella vá noticiando o successivo desenvolvimento d'aquelle patriótica agremiação.

**

Real Gymnasio Club Portuguez—Gerencia de 1895—Relatorio da Direcção e parecer da Commissão revisora de contas.

N'este relatorio, em que se faz a historia do Club no anno de 1895, destacam-se para nós dois assumptos ácerca dos quaes diremos algumas palavras.

O primeiro d'elles tem por titulo *Contribuições* e é redigido nos seguintes termos:

«Um dos encargos que muito sacrifica o resultado das gerencias, é o imposto predial e de renda de casas, que este anno absorveram 7,38 % do liquido das nossas receitas ordinarias.

«Que enorme allivio não seria, que á semelhança de outros paizes (em que se olha para os estabelecimentos d'ensino, officias ou particulares, com melhor boa vontade) fossem isemptos de tributos, os estabelecimentos que como o nosso Club tanto cooperam para o desenvolvimento physico.»

São de todo o ponto justas estas palavras e associamos-nos á direcção do Real Gymnasio Club se fôr necessario representar ao governo n'este sentido.

A verba que o estado recebe das associações é insignificante em relação ás receitas totaes do paiz e em nada melhora ou prejudica as finanças publicas, mas é um encargo pesado para as sociedades que não tem receitas sufficientes para prosperar e que bom era tivessem do Estado auxilio efficaz e regular, ou pelo menos umas isempções de impostos que dariam occasião ao seu mais largo desenvolvimento.

O segundo assumpto tem por titulo *Carreira de tiro* e diz o seguinte:

«Muito fraco o movimento d'esta secção, como vereis do mappa respectivo. Atribuimos a desanimação na carreira, ao facto de se estarem desenvolvendo espantosamente, as associações que ha proprias do tiro civil.»

Não estamos d'accordo com as razões apresentadas pela direcção do Real Gymnasio Club para justificar o fraco movimento da sua carreira de tiro.

Em primeiro logar não é, infelizmente, certo que as associações proprias do tiro civil se desenvolvam *espantosamente*; tem é verdade avançado, mas lentamente, e á custa de muitos sacrificios e de muitos

esforços dos socios que mais se interessam pelo desenvolvimento do tiro nacional. Em segundo logar, as carreiras de tiro reduzido tem sempre decaído entre nós, ainda mesmo antes de se fundarem as associações de tiro. Assim a carreira da antiga Associação de agricultura no local onde está hoje a estação central dos caminhos de ferro de norte e leste, a do Gremio Litterario, a da Sociedade de Geographia de Lisboa, foram muito frequentadas a principio, mas quasi de todo abandonadas alguns mezes depois.

A verdade é que o tiro não é ainda um divertimento popular, não entrou no dominio da moda, não se compenetraram por enquanto as diversas camadas sociais que era bem mais util, e sobre tudo bem mais patriótico, do que tantos outros divertimentos em que se juntam por milhares os que podem dispor d'alguns tostões.

E' para levar a todos os espiritos o convencimento da utilidade e das vantagens que do tiro nacional resultariam para a nossa segurança propria, para a conservação da nossa autonomia e para o dominio eficaz em as nossas colonias, que estamos na imprensa, nas associações e em toda a parte onde possa fazer-se a propaganda em favor d'esta generosa idéa, e creia a direcção do *Real Gymnasio Club* que não esmorecemos perante as difficuldades, nem desistimos em frente dos obstaculos, porque nos anima a convicção de que prestamos ao nosso paiz, á nossa querida patria, um serviço que hão de agradecer-nos os que no futuro seguirão o exemplo que hoje lhes damos, certos já de que o tiro nacional é a grande força de todos os estados e, muito especialmente, dos que não podem armar e equipar exercitos numerosos.

O *Real Gymnasio Club* deve, pois, conservar a sua carreira de tiro, como o Gremio Litterario, como a Sociedade de Geographia e louvores são devidos ao *Atheu Commercial* que ha pouco a estabeleceu e á Associação dos Atiradores Civis Estrella que tambem a tem conservado. A propaganda para ser util é preciso ser constante, persistente, tenaz e o fim coarará, certamente, o trabalho e o esforço.

LEGISLAÇÃO SOBRE O TIRO

REGULAMENTO PROVISORIO DA CARREIRA DE TIRO DA ESCOLA DO EXERCITO

Approvedo pelo conselho de instrucção da mesma escola

CAPITULO I Organização e fins da Carreira

Artigo 1.º—A carreira de tiro da escola do exercito é, para todos os effeitos, um estabelecimento auxiliar das cadeiras em que na mesma escola se ministra a instrucção theorica e pratica do tiro, e comprehende:

- Uma ou mais linhas de tiro isoladas;
- As dependencias indispensaveis, taes como: paiol proprio, casa para a arrecadação do material, etc., em harmonia com os trabalhos a executar para a instrucção dos alumnos ou para o estudo de quaesquer questões especiaes não contrarias ás prescripções d'este regulamento;
- Um gabinete destinado á installação e funcionamento de apparatus balísticos de precisão.

§ unico. Enquanto a estação chronographica da 6.ª cadeira não possuir carreira propria, unc-

cionará junto da carreira de tiro actual, cooperando ambos os estabelecimentos na resolução completa dos problemas que de qualquer modo interessem ás cadeiras professadas na escola do exercito.

Art. 2.º Os trabalhos a executar na carreira serão, para os effeitos d'este regulamento, classificados em tres grupos:

a) Instrucção de tiro, elemental e especial, de accordo com as prescripções officiaes para os corpos do exercito e as que n'este regulamento forem consignadas;

b) Instrucção pratica, comprehendendo a determinação experimental da velocidade dos projecteis, o estudo das pressões desenvolvidas pelo tiro na alma das armas de fogo, o estudo das penetrações dos projecteis em diversos meios, a determinação da justeza e indices de precisão das diversas armas, além de quaesquer outras questões consideradas como complemento das theorias e regras deduzidas nas cadeiras 2.ª e 6.ª da actual organização;

c) Estudos de interesse theorico ou experimental, com o fim de habilitar os lentes da escola na resolução de problemas importantes acerca do armamento, munições, effeitos dos projecteis, resistencia do material de guerra, etc., quer por iniciativa individual, quer por decisão do conselho de instrucção, quer em virtude de consulta do ministerio da guerra.

A direcção dos trabalhos do grupo a) pertence exclusivamente ao lente da 2.ª cadeira; a dos trabalhos do grupo b) ao lente da 2.ª cadeira, quando se destinarem á instrucção dos alumnos d'esta cadeira, e ao lente da 6.ª cadeira, quando tiverem por fim a instrucção dos seus alumnos; a direcção dos trabalhos do grupo c) compete ao lente que d'elles tiver a iniciativa, ou a quem o conselho designar, no caso de não serem de iniciativa individual.

Art. 3.º—As despesas de conservação da linha de tiro e installações accessorias, aquisição de material commum ás cadeiras 2.ª e 6.ª, reparação e substituição d'este material, serão feitas por conta das duas cadeiras e da verba especial destinada á instrucção na carreira de tiro, constituindo os dois lentes respectivos uma *comissão administrativa e de segurança da carreira de tiro*, á qual incumbirá o pagamento e fiscalisação das despesas geraes e a adopção das providencias necessarias para que a carreira esteja sempre em condições de prestar os serviços a que é destinada.

(Continúa.)

O ELEPHANTE

(Continuado do n.º 60)

A CONTEGIA até embarçar-se nas pernas do animal ou nos troncos das arvores de que elle se alimentava. O elephante então desembarçava-a com ternura admiravel, quer levantando-a com a tromba, quer affastando-lhe os obstaculos que podiam incommodar os movimentos da pequerrucha.»

O elephante é extremamente susceptivel e ha d'isso muitos exemplos.

Todos conhecem tambem as extraordinarias aptidões dos elephantes e a sua habilidade para todos os trabalhos.

Ernesto Menault, na sua obra a respeito da *Intelligencia dos animaes*, conta o seguinte facto:

«Um joven birman tinha casado. No dia seguinte ao do casamento, de manhã, a noiva, rodeada por muitas mulheres, quiz tomar o fresco na varanda, especie de galeria coberta que ha ao redor das habitações de certa importancia. O elephante favorito do senhor, passeava n'este momento, sob a guarda do cornaca, n'um espaço ao centro do qual estava a casa. Tendo visto as mulheres, o que fez? Approximou-se da varanda colheu uma flôr, a mais bella, a mais viçosa, a mais delicada, depois agitou as orelhas, deu um grito expressivo, e os seus olhos apresentaram viva expressão de intelligencia; depois levantando a cabeça e estendendo a tromba com graça collocou-a á altura da balastrada... Uma das mulheres estendeu o braço, o elephante retirou a tromba. O

mesmo movimento se repetiu muitas vezes, o dono quiz tirar a flôr, o elephante não retirou a tromba, mas não largou a flôr. Finalmente a rainha da festa estendeu a mão tremendo; immediatamente aquelle cortesão improvisado lhe entregou graciosamente a sua offerta. Imagine-se se d'alli em deante foi estimado.

«Posso garantir o facto, diz o narrador, porque o presenciei.»

As especies de elephantes actualmente existentes são apenas duas: o elephante da Asia e o elephante da Africa.

O elephante da Asia, vive hoje em todo o continente das Indias, principalmente no reino de Siam, imperio dos Birmans, Bengala e Industão propriamente dito. Encontra-se tambem na ilha de Ceylão, em Sumatra e na ilha de Bornéo.

Tem a cabeça larga, achatada no centro da frente. saliente aos lados; as orelhas são mais pequenas do que as do elephante da Africa, e as proporções um pouco differentes. São de côr cinzento escura, quasi castanha. Em alguns, atacados por uma especie de albinismo, a côr é branco-rosada. Certos povos das margens do Ganges acreditam que estes elephantes brancos ou rosados dão asylo ás almas dos antigos reis. Os principes de Siam e do Pégú, orgulhosos de os possuirem, alojam-nos nos seus palacios, e fazem-nos servir magnificamente por numeroso pessoal de adoradores.

Os elephantes da Asia são os unicos que hoje podem domesticar-se. Deve notar-se que os individuos que se utilisam não nasceram no captivo. São selvagens domesticados.

Estes animaes vivem sempre em bandos, os que se encontram isolados foram expulsos do bando por motivos que não conhecemos.

Se não fôra a presença do homem na terra, o elephante teria sido, talvez, o senhor da criação; mas o homem não o permitiu e apressou-se em aproveitar este forte e intelligente servo.

O meio mais geralmente usado na Asia para apanhar os elephantes selvagens e reduzi-los á domesticidade é o seguinte:

Quando os habitantes de Bengala, de Siam, etc., descobrem um bando de elephantes, ou apenas dois ou tres pequenos grupos d'estes animaes, que se possam reunir facilmente, os indigenas dos paizes visinhos juntam-se para cercal-os. Armados com espingardas, tambores, trombetas, foguetes, n'uma palavra todo o material proprio para assustar estes animaes, formam um circulo ao redor d'elles, e a pouco e pouco levam-nos para um recinto fechado cuja entrada parece uma floresta. Esta entrada aperta-se continuamente e vae dar a uma estacada junto da qual ha um profundo fosso.

O grupo de elephantes chega assim á extremidade do recinto. O chefe que dirige o bando hesita muito tempo antes de avançar. Attrahem-no collocando alli fructos e plantas de que são muito gulosos, como cannas d'assucar e bananas. Apenas o chefe entra seguem-no todos. Depois é preciso separal-os a um e um e para este fim collocam-se fructos no fundo d'um corredor estreito aonde o animal não pôde voltar-se. Logo que um d'elles entra fecham a porta.

(Continúa.)

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal—35, R. Ivens, 41.